

MARCEL
PROUST
CONTOS COMPLETOS
E OUTROS TEXTOS

Tradução do francês (França)
por **Francisco Silva Pereira**



Nota do Editor

Marcel Proust é um ícone da literatura universal por valor próprio. Em poucos anos de vida e com uma produção literária centrada na sua obra prima *Em Busca do Tempo Perdido*, o autor granjeou fama universal e é visto como um dos revolucionários da narrativa moderna.

A sua escrita, como a de muitos dos seus contemporâneos um pouco por todo o mundo e sempre que ligados aos movimentos inovadores, é uma escrita que ultrapassa as fronteiras de género. Daí a dificuldade em definir o *corpus* deste volume. Os textos aqui coligidos provêm de diversas fontes.

Os Prazeres e os Dias, publicado por Proust em 1896, primeiro livro édito do autor e que mistura poemas em prosa, microcontos, contos e novelas; um sinal claro do jaez experimentalista que cruzaria a obra do autor.

Contos e textos de juventude, as primeiras experiências do autor que, desde logo, denotam não apenas as naturais influências do decadentismo como, sobretudo, que os estereótipos de género e fórmula seriam sempre ignorados na obra do autor – como efectivamente veio a suceder. Destes, destaca-se *O Indiferente*, conto enviado por Proust para uma revista literária que fale entretanto. O texto é apenas redescoberto nos anos 70 e revela-se um estudo do que viriam a ser os principais motivos e temáticas de *Em Busca do Tempo Perdido*.

MARCEL PROUST

Acrescenta-se ainda a esta edição *pastiches* publicados em *Pastiches et Mélanges*, obra publicada em 1919 e que reúne um conjunto de textos das mais diferentes naturezas publicados quase na sua totalidade no jornal *Le Figaro*. O *pastiche*, então muito em voga, consistia na experiência de escrever como outro escritor o faria. Por si só, esta definição define-os como uma ficção.

Como é habitual nos autores que conviveram com os movimentos literários que serviram de charneira para os modernismos, é deixado ao leitor decidir a arrumação genérica dos textos.

O EDITOR

O INDIFERENTE

Curamo-nos como nos consolamos: não existe no coração o que sempre chorar nem sempre amar.

LA BRUYÈRE, *Os Caracteres*, Capítulo IV,
«Do coração»

I

Madeleine de Gouvres acabara de chegar ao camarote da Sr.^a Lawrence. O general de Buivres perguntou:

— Quem é que a acompanha esta noite? Avranches, Lepré...?

— Avranches, sim — respondeu a Sr.^a Lawrence. — Lepré, não me atrevi. — Acrescentou, apontando para Madeleine: — Ela é tão difícil de agradar e isso teria praticamente implicado uma apresentação...

Madeleine protestou. Já tinha encontrado várias vezes o Sr. Lepré, achava-o encantador; certa vez, até o convidara para almoçar em sua casa.

— Seja como for — concluiu a Sr.^a Lawrence —, não tem nada a lamentar, ele é muito simpático, mas sem nada de especial, muito menos para a mulher mais mimada de Paris.

Entendo perfeitamente que as amizades mais chegadas que tem a tornem difícil de contentar.

Lepré era muito simpático, mas muito insignificante: era assim que todos o viam. Considerando que essa não era de todo a sua opinião, Madeleine ficou espantada; mas, como a ausência de Lepré não lhe causava grande decepção, a simpatia que lhe tinha não chegava ao ponto de a inquietar. Na sala, as cabeças tinham-se voltado para ela; amigos já a vinham cumprimentar e elogiar. Não era nada de novo para ela; todavia, com essa obscura presciência de um jóquei durante a corrida ou de um actor durante a representação, naquela noite ela sentia que o seu triunfo era mais fácil e mais pleno do que o habitual. Sem uma única jóia e com o corpete de tule amarelo coberto de catleias(*), tinha também prendido no seu cabelo preto algumas daquelas flores, quais pálidas grinaldas de luz suspensas naquela torre de sombras. Fresca como as suas flores e igualmente pensativa, fazia lembrar a *Mahenu* de Pierre Loti e Reynaldo Hahn graças ao encanto polinésio do seu penteado. Em breve, a pena de que Lepré não a pudesse ver assim misturou-se com a contente indiferença com que via os seus encantos daquela noite nos olhos deslumbrados que os reflectiam com garantida fidelidade.

— O que ela gosta de flores! — exclamou a Sr.^a Lawrence, comentando-lhe o corpete.

Ela apreciava-as, de facto, nesse sentido banal em que sabia o quanto eram bonitas e o quanto a faziam bonita. Apreciava-lhes a beleza, a alegria, a tristeza também, mas exteriormente, como um dos aspectos da beleza que era a sua. Quando já não estavam frescas, descartava-as como a um vestido desbotado.

De repente, durante o primeiro intervalo, pouco depois de o general de Buivres, o duque e a duquesa de Aleriouvres terem saído, deixando-a sozinha com a Sr.^a Lawrence, Madeleine viu Lepré na plateia. Reparou que ele estava a pedir a um dos funcionários que lhe abrisse a frisa.

(*) Orquídea que deve o seu nome ao botânico inglês William Cattley (1788-1835) (N. T.)

— Sr.^a Lawrence — disse ela —, permite-me que convide o Sr. Lepré para nos fazer companhia, visto que está sozinho na plateia?

— Mas com certeza, ainda mais porque vou ter de sair dentro de pouco tempo, minha querida; você sabe que me deu permissão. O Robert está um pouco achacado. Quer que eu lhe vá perguntar?

— Não, prefiro ser eu a fazê-lo.

Durante o intervalo, Madeleine deixou que Lepré estivesse sempre a conversar com a Sr.^a Lawrence. Debruçada na balaustrada da frisa a observar a sala, aparentou quase não dar pelos dois, convencida de que melhor lhe poderia apreciar a presença quando dali a pouco ficasse sozinha com ele.

A Sr.^a Lawrence saiu para ir vestir o casaco.

— Convido-o a ficar comigo durante o acto seguinte — disse Madeleine com uma amabilidade indiferente.

— Muita bondade sua, minha senhora, mas não posso; tenho de me ir embora.

— Mas vou ficar completamente sozinha — disse Madeleine, num tom urgente; então, de repente, desejando quase involuntariamente aplicar as máximas da coqueteria presentes no famoso: «Se eu não te amo, tu amas-me» de *Carmen*, acrescentou o seguinte: — Tem toda a razão; se estão à sua espera, não se atrase. Boa noite, senhor.

Tentou compensar com um sorriso afectuoso a dureza que lhe parecia implícita nesta permissão. Todavia, aquela dureza era apenas fruto do seu violento desejo de o reter ali, da amargura da sua decepção. Dirigidas a qualquer outro, aquelas palavras de autorização teriam sido amáveis.

A Sr.^a Lawrence voltou:

— Bem, ele vai-se embora; fico consigo para não a deixar sozinha. A vossa despedida foi terna?

— Despedida?

— Parece-me que é no fim desta semana que ele parte na sua longa viagem pela Itália, Grécia e Ásia Menor.

Uma criança que respira desde que nasceu sem nunca de tal se ter apercebido não sabe quão essencial lhe é à vida o ar que lhe enche despercebidamente o peito com tanta suavidade. Durante um ataque de febre, numa convulsão, sente-se sufocar? No esforço desesperado da sua existência, é quase pela sua própria vida que então luta, pela sua tranquilidade perdida, que só há-de recuperar com o ar do qual não se sabia inseparável.

Da mesma forma, assim que ficou a saber desta partida de Lepré, que até então desconhecia, só então Madeleine foi capaz de perceber o que essa mesma partida lhe tirava. E, com um desalento que tinha tanto de doce como de doloroso, olhou para a Sr.^a Lawrence sem lhe querer mais mal do que um pobre doente a sufocar quer à sua asma enquanto, com os olhos rasos de lágrimas, sorri às pessoas que se compadecem dele, mas que não o podem ajudar. De repente, levantou-se:

— Venha, minha querida, não quero que chegue tarde a casa por minha causa.

Enquanto vestia o casaco, viu Lepré e, com a ansiedade de o deixar partir sem o voltar a ver, desceu rapidamente.

— Incomoda-me bastante, especialmente se ele está de partida, que o Sr. Lepré possa ter pensado que não gosto dele.

— Mas ele nunca disse tal coisa — disse a Sr.^a Lawrence.

— Deve ter dito; se você assim pensa, ele deve-o pensar também.

— Mas, pelo contrário.

— Mas se lhe estou a dizer que sim — disse Madeleine com dureza. E, uma vez que já estavam junto de Lepré:

— Sr. Lepré, conto consigo para jantar na quinta-feira às oito horas.

— Não estou livre quinta-feira, minha senhora.

— Sexta-feira, então?

— Também não posso.

— Sábado?

— Sábado, fica combinado.

— Mas, minha querida, esqueceu-se de que vai jantar a casa da princesa d'Avranches no sábado.

— Paciência, eu cancelo.

— Ah! Minha senhora, não quero que... — disse Lepré.

— Mas quero eu! — exclamou Madeleine, fora de si. — Não vou a casa de Fanny, de maneira nenhuma. Nunca tive intenção de lá ir.

Já em casa, Madeleine, despindo-se lentamente, recordou-se dos acontecimentos daquela noite. Ao chegar ao momento em que Lepré se recusara a ficar com ela durante o último acto, corou com a humilhação. A coqueteria mais elementar, bem como a mais rígida dignidade, exigia-lhe que tivesse observado uma extrema frieza com ele depois do acontecido. Em seu lugar, aquele convite triplo nas escadas! Indignada, ergueu a cabeça com orgulho e viu-se tão bela no fundo do espelho que não duvidou de que ele a viesse a amar. Preocupada e desolada apenas em virtude da sua partida iminente, pôs-se a imaginar a ternura que, sem que ela soubesse porquê, ele lhe quisera esconder. Ele ia confessar-lha, talvez numa carta, muito em breve, e sem dúvida adiará a partida, iria com ela... O quê? ... era melhor nem pensar nisso. Mas já podia ver-lhe o rosto bem-parecido e amoroso aproximar-se do seu, pedindo-lhe perdão. «Malvado!» disse ela. Mas talvez ele ainda não a amasse; ia partir sem ter tempo para se apaixonar por ela... Desolada, baixou a cabeça e os seus olhos pousaram no corpete, caíram nos olhos ainda mais elanguescentes das flores murchas, que sob as suas pálpebras secas pareciam prestes a chorar. A ideia do pouco que durara o seu sonho inconsciente com aquele homem, do pouco que duraria a sua felicidade se alguma vez se viesse a realizar, ficou nela associada à tristeza daquelas flores que, antes de morrer, definhavam sobre o coração que haviam sentido bater com o seu primeiro amor, a sua primeira humilhação e o seu primeiro desgosto.

No dia seguinte, ela não quis outras flores no seu quarto, geralmente pejado e radiante com a glória de rosas frescas...

Quando a Sr.^a Lawrence passou por casa dela, deteve-se diante das jarras onde as catleias acabavam de morrer, despojadas de beleza para olhos destituídos de amor.